



# **A formação de professores no contexto da BNCC**

Ciclo de Debates em  
Gestão Educacional

Realização



Instituto  
**Ayrton  
Senna**



# Índice

<b>Apresentação</b>	<b>2</b>
Angela Dannemann, Itaú Social Viviane Senna, Instituto Ayrton Senna	
<b>Palestras</b>	
<b>A formação de professores no contexto da implementação de políticas públicas voltadas à inovação curricular</b>	<b>4</b>
Linda Darling-Hammond, Universidade Stanford	
<b>A formação de professores no Brasil hoje e as mudanças que a BNCC favorece</b>	<b>6</b>
Elba Siqueira, Fundação Carlos Chagas	
<b>A escola como espaço privilegiado para a formação continuada de professores</b>	<b>7</b>
Jana Barros, Instituto Chapada - BA	
<b>Políticas de formação continuada à luz da implementação da BNCC</b>	<b>8</b>
Wesley Nunes, GT de Formação Continuada do CONSED e UNDIME Robert Langlady Lira Rosas, GT de Formação Continuada do CONSED e UNDIME	
<b>A educação integral e as Competências Gerais como norteadoras da (re)elaboração de currículos</b>	<b>11</b>
Oliver P. John, Universidade da Califórnia, Berkeley	
<b>No que a experiência internacional pode inspirar a formação de professores no Brasil</b>	<b>13</b>
Chor Boon Goh, Instituto Nacional de Educação de Singapura Anneli Rautiainen, Agência Nacional de Educação da Finlândia	
<b>Encerramento</b>	<b>15</b>
Patricia Guedes, Itaú Social Emilio Munaro, Instituto Ayrton Senna	

## Quem somos



### Instituto Ayrton Senna

Atua há mais de 20 anos na inovação do cenário nacional da educação. Articula o diálogo entre gestores públicos, educadores, pesquisadores e outras organizações para apoiar a construção de políticas e práticas educacionais baseadas em evidências. Conduz projetos voltados para o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Em 2017 esteve em parceria com 16 estados, mais de 600 municípios, apoiando a formação de cerca de 45 mil profissionais e beneficiando mais de 1,5 milhão de alunos.

### Itaú Social

O Itaú Social desenvolve, implementa e compartilha tecnologias sociais para contribuir com a melhoria da educação pública brasileira. Sua atuação está pautada no desenvolvimento de projetos sociais, no fomento a organizações da sociedade civil e na realização de pesquisas e avaliações.



## APRESENTAÇÃO

**C**iclo de Debates em Gestão Educacional: A Formação de Professores no Contexto da BNCC  
Evento contou com palestras de especialistas e apresentação de documento elaborado pelo Grupo de Trabalho do Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed) e União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime).

Educação de qualidade é base fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade democrática e mais igualitária. É peça-chave para formar cidadãos capazes de entender as demandas do mundo e transformá-lo para melhor. Assim, a escola é centro estratégico de desenvolvimento das potencialidades de crianças e adolescentes. E o principal agente desse processo é, sem dúvida, o professor.

A formação continuada precisa ser prioridade de políticas públicas educacionais, no sentido de proporcionar aos professores oportunidades de contato com novas tendências em educação e com ciência aplicada à aprendizagem, preparando-os para melhor lidar com os desafios da educação no século 21. A necessidade de investir na formação do profissional da educação se torna ainda mais evidente à luz das competências delineadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O consenso sobre a importância central do professor para a melhoria da educação pública brasileira levou o Instituto Ayrton Senna e o Itaú Social a promoverem, em parceria, o Ciclo de Debates em Gestão Educacional: A Formação de Professores no Contexto da BNCC, que reuniu na cidade de São Paulo, em maio, um público de mais de 700 participantes, entre educadores de escolas públicas e privadas, pesquisadores e gestores públicos, incluindo os técnicos responsáveis pelas ações de formação continuada nas secretarias estaduais (representando os 26 estados e o Distrito Federal) e secretarias municipais de Educação que participam do Grupo de Trabalho de Formação Continuada do Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed) e da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime).

O ciclo contou com um painel de palestras de especialistas, desenhado em conjunto pelas duas instituições, ambas com tradição na organização e promoção de debates em educação.

A primeira palestrante, Linda Darling-Hammond, da Universidade Stanford, abordou práticas efetivas para a formação de professores em um contexto de implementação de políticas públicas de inovação curricular. Presidente do Learning Policy Institute, ela dividiu com o público perspectivas e experiências adquiridas ao longo de décadas de um reconhecido trabalho com estratégias de reformulação curricular e preparo de professores nos Estados Unidos.

Na sequência, a socióloga Elba Siqueira, da Fundação Carlos Chagas, trouxe um panorama histórico dos programas de formação de professores no Brasil, além de contribuições para pensar criticamente a aplicação da BNCC. A educadora Jana Barros, coordenadora pedagógica da Secretaria de Educação no município de Seabra, na região da Chapada Diamantina, Bahia, concluiu o primeiro bloco de palestras, falando sobre a experiência local diante das limitações de infraestrutura.

No segundo bloco, Wesley Neves e Robert Langlady Lira Rosas apresentaram o documento elaborado pelo Consed/Undime, que norteou as falas dos palestrantes internacionais que se apresentaram na sequência. Em seguida, Oliver John, da Universidade da Califórnia em Berkeley, pesquisador do Edulab21, área de pesquisa do Instituto Ayrton Senna, fez um paralelo entre as competências gerais da BNCC e as habilidades socioemocionais.

Experiências internacionais bem-sucedidas na formulação de políticas públicas que valorizam o professor foram trazidas por Chor Boon Goh, do Instituto Nacional de Educação de Singapura, e Anneli Rautiainen, da Agência Nacional de Educação da Finlândia, fechando o bloco.

A superintendente do Itaú Social, Angela Dannemann, e Viviane Senna, presidente do Instituto Ayrton Senna, abriram o evento, contextualizando o valor estratégico da formação continuada de professores à realidade educacional brasileira e falando sobre a atuação particular de cada uma das instituições no cenário da educação.

Viviane Senna pontuou o desafio de criar meios para atender demandas do século 21 em um sistema educacional que ainda enfrenta problemas do século 19, como o analfabetismo. Ela afirma que basear novas políticas em evidências científicas é essencial para superar lacunas com mais agilidade, destacando pesquisas que comprovam o potencial do estímulo das habilidades socioemocionais na escola para o sucesso acadêmico e profissional. Angela Dannemann chamou atenção para a necessidade de articulação entre poder público, sociedade civil e setor privado para obter avanços sensíveis em um país como o Brasil, essencialmente marcado pela desigualdade.

Cada bloco de palestras foi seguido por um debate, em que os palestrantes responderam e comentaram questões e considerações feitas pelos participantes e pelo público que acompanhou o evento via streaming, mais de 400 espectadores on-line.



*“Existem evidências robustas de que habilidades socioemocionais pesam tanto quanto as cognitivas na determinação do sucesso escolar. Elas entraram na Base Nacional Comum e vamos ter de aprender a desenvolver nos professores a capacidade de trabalhá-las intencionalmente nos alunos”*

**Viviane Senna, presidente do Instituto Ayrton Senna**

*“O professor é a solução para a educação. Precisamos aprender com evidências nacionais e internacionais; pensar meios de articular teoria e prática para que a formação de professores possa de fato incidir na sala de aula e na aprendizagem”*

**Angela Dannemann, superintendente do Itaú Social**





## PALESTRAS

### **A formação de professores no contexto da implementação de políticas públicas voltadas à inovação curricular**

Para Linda Darling-Hammond, professora emérita da Universidade Stanford, o professor precisa vivenciar as estratégias pedagógicas na sua própria formação, para, assim, poder aplicá-las de forma eficaz

Linda Darling-Hammond iniciou sua carreira como professora de escola pública. Hoje, professora emérita de educação da Universidade Stanford, ela já publicou mais de 500 artigos e 25 livros sobre políticas educacionais.

Presidente do Learning Policy Institute, Linda tem um trabalho reconhecido no desenvolvimento de estratégias de inovação curricular e de formação de professores. Foi consultora de educação da campanha presidencial de Barack Obama. Em sua fala no Ciclo de Debates em Gestão Educacional 2018, comparou a atual discussão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a questões que surgiram na reforma educacional nos Estados Unidos, afirmando a importância estratégica de “investir profundamente na preparação de professores”.

“Os padrões curriculares são palavras no papel, não ensinam por eles mesmos. Na realidade são os professores e os diretores que estão preparando diariamente crianças e jovens para a vida”, diz a pesquisadora, sublinhando que a reorganização da política educacional tem sido uma tendência no mundo, com resultados visíveis em locais como Singapura e Finlândia (saiba mais sobre experiências internacionais na pág.13).

Para Linda, é preciso repensar o que se espera da educação em um mundo onde o conhecimento tecnológico dobra em quantidade a cada 11 meses. “O currículo tradicional, baseado na transmissão de conteúdos e na memorização, já não faz nenhum sentido. Os estudantes de hoje vão trabalhar amanhã com conhecimento que ainda não foi descoberto, com tecnologias que ainda vão ser inventadas”, diz a pesquisadora, pontuando o paradoxo de, a despeito dos avanços na produção científica, muitos países, como o Brasil, ainda terem de contornar problemas básicos de infraestrutura.

Nesse contexto marcado tanto pela mutabilidade do conhecimento estruturado como pela desigualdade socioeconômica, investir na formação do professor se mostra uma estratégia-chave. “A habilidade mais importante a se desenvolver nas crianças e jovens é a de aprender. É preciso, mais que obter a informação, saber como buscá-la, pensá-la e construir sentidos práticos para elas. Evidências mostram que o ensino deve trabalhar as habilidades pessoais – são elas que tornam a pessoa apta a construir conhecimento produtivo, em resposta aos desafios propostos pelo mundo, se relacionando com outras pessoas e trabalhando com elas”, diz Linda, citando estudos que apontam a relação entre desenvolvimento de habilidades socioemocionais e sucesso escolar e profissional, explicando que essas habilidades permeiam as competências contempladas pela BNCC (saiba mais na pág. 12).

“O professor deve ter oportunidade de acesso a estratégias de aprendizagem embasadas em pesquisa”, diz Linda, abordando a necessidade de articulação entre conhecimento produzido nas universidades e as experiências desenvolvidas nas escolas. Ou seja, ao mesmo tempo em que o professor tem, nos programas de formação, acesso a informações que o ajudam a compreender o desenvolvimento de crianças e adolescentes do ponto de vista cognitivo, bem como a práticas delineadas a partir de conhecimento científico sobre os processos de aprendizagem, ele também deve ser considerado como um potencial pesquisador da validação prática dessas estratégias, pois está em posição privilegiada para reportar resultados, apontar falhas e sugerir adaptações.

Segundo a pesquisadora, o professor precisa vivenciar as estratégias pedagógicas na sua própria formação para, assim, aplicá-las de forma eficaz. “Poder experimentá-las para definir quais usar em sala”, diz.

Um dos aspectos-chave a serem trabalhados na formação, cita Linda, é a reformulação dos sistemas de avaliação. Evidências comprovam a eficácia de ensinar conteúdos através de atividades teórico-práticas que estimulem o aluno a pensar sobre o conceito aprendido e como ele pode usá-lo para resolver um problema proposto ou relacioná-lo a uma situação do dia-a-dia. O feedback imediato por parte do professor, que ajuda a buscar melhores maneiras para pensar ou resolver a questão, ajuda o aluno a perceber que ele é capaz de construir seu próprio conhecimento, de realizar e ir além, de ter sucesso. “Ele desenvolve uma mentalidade de crescimento, que será decisiva para sua vida”.

Linda usa a expressão “empoderar o professor” em referência aos pontos centrais que ela considera que devem ser abrangidos por um programa de formação: oferecer acesso a conhecimento e a experiências e estímulo para se aperfeiçoar. “Uma política educacional que contemple a formação deve considerar, obviamente, a valorização do professor”.



*“A habilidade mais importante a se desenvolver nas crianças e jovens é a de aprender. É preciso, mais que obter a informação, saber como buscá-la, pensá-la e construir sentidos práticos para ela”*

Linda Darling-Hammond, Universidade Stanford

### Características de programas de formação eficazes

**Linda listou pontos em comum que são trabalhados por programas de formação que estão trazendo bons resultados, em países como Estados Unidos, Singapura e Finlândia. Alguns deles:**

1. Os professores são ensinados a transmitir conteúdos de maneiras que estimulem a participação e o questionamento dos alunos, incentivando-os a pensar problemas e buscar soluções.
2. Os profissionais aprendem sobre a importância de transformar as salas de aulas em ambientes “conversacionais”: que possibilitem aos alunos exercitar a linguagem e a articulação do pensamento, melhorando suas habilidades de comunicação e conhecimento da língua.
3. Os professores têm oportunidade de conhecer referências de estratégias de aprendizado e de experimentá-las, tendo a oportunidade de aplicar o conhecimento adquirido e, assim, aprender dentro dos mesmos parâmetros que irão usar para ensinar.
6. Planejar atividades escolares, visando aplicação do que foi aprendido.
4. Existe ajuda para planejar aulas e atividades de acordo com o que foi aprendido nos programas.





## PALESTRAS

### **A formação de professores no Brasil hoje e as mudanças que a BNCC favorece**

A doutora em sociologia Elba Siqueira falou sobre a necessidade de troca de informação entre gestão pública e redes de ensino, pontuando a importância de extrair aprendizados de programas de formação de professores já colocados em prática

Professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e consultora da Fundação Carlos Chagas, Elba Siqueira trabalha com políticas públicas para a educação básica há mais de 20 anos. Ela falou ao público do Ciclo de Debates em Gestão Educacional 2018 sobre as experiências acumuladas com a formação de professores nas últimas duas décadas, a partir dos Referenciais e Parâmetros Curriculares Nacionais (RCNs e PNCs) desenhados no final dos anos 1990.

“Nesse período não houve um plano explícito de implementação dos referenciais. As formações foram pequenas, num processo de ‘mão em mão’, com poucos recursos”, conta. Com o crescimento do PIB nos últimos 15 anos começaram a se delinear as primeiras políticas de formação apoiadas em aparato tecnológico, como cursos presenciais e à distância, em regime de colaboração entre universidades públicas e redes estaduais e municipais, viabilizadas em grande parte pelo financiamento do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (Fundef).

Segundo Elba Siqueira, o foco estratégico dos programas foi a formação de alfabetizadores – a aquisição de habilidade leitora, segundo a pesquisadora, permanece como o grande gargalo do Ensino Fundamental. “Muitas crianças arrastam suas dificuldades de leitura e escrita ao longo de toda educação básica. E os cursos universitários de pedagogia não preparam professores para ensinar a ler e a escrever”, diz.

Nesse contexto, se estruturaram as primeiras experimentações de um sistema de troca de informações entre especialistas que ofereciam bases teóricas e os professores que colocavam em prática os conceitos aprendidos. “Esse ir e voltar, acompanhado de avaliações externas, contribuiu para o desenvolvimento e aprimoramento de didáticas mais específicas. Tivemos uma experiência interessante, de interação, que serviu para levantar problemas dos alunos e pensar alternativas de abordagem”, diz Elba, atentando, porém, para o fato de que não houve um compromisso em avaliar sistematicamente os resultados desses programas.

“Em uma das poucas avaliações sérias feitas, foi constatado que o mero foco nas metodologias de alfabetização não era suficiente – havia outras variáveis de contexto que tinham de ser consideradas. Além disso, a formação não adiantava se faltava apoio da gestão da escola: os professores não conseguiam implantar sozinhos as inovações aprendidas”, relata a pesquisadora, frisando a necessidade de contemplar diretores e coordenadores em políticas de formação e a importância de se manter programas federais – são quase 6 mil municípios distribuídos em 27 unidades federativas, muitos sem nenhum amparo de políticas de formação estaduais ou municipais focadas em problemas cruciais das redes de ensino.

Em relação à BNCC, Elba Siqueira alerta para a necessidade de articulação entre as esferas federal, estadual e municipal, em regime de colaboração e troca de experiências. “Estados e municípios não devem ser meros implementadores – as apostas feitas pela Base precisam ser testadas, exercitadas através das experiências já acumuladas. O feedback das redes vai permitir ao governo federal ajustar as políticas de formação às condições e necessidades dos professores”.



*“Estados e municípios não devem ser meros implementadores. O feedback das redes vai permitir ao governo federal ajustar as políticas de formação às condições e necessidades dos professores”*

Elba Siqueira, Fundação Carlos Chagas

## PALESTRAS

**A escola como espaço privilegiado para a formação continuada de professores**  
Coordenadora pedagógica da Secretaria de Educação no município de Seabra, na Bahia, a educadora Jana Barros refletiu sobre os desafios da formação continuada em um contexto carente de oportunidades

Formadora de professores no Instituto Chapada de Educação e Pesquisa e vencedora do Prêmio Educador Nota 10 da Fundação Victor Civita, Jana Barros falou da função do educador explícita na BNCC – formar pessoas para a vida fora da escola. Nesse sentido, as políticas de formação para o educador devem considerá-lo como um indivíduo que precisa conhecer suas próprias competências para poder trabalhar as competências dos alunos. “Quando falamos de BNCC estamos falando de pessoas”, diz.

Jana Barros e sua equipe de formadores estão mapeando as dificuldades de professores que compõem a rede local. Uma amostra heterogênea, que diverge em anos de experiência e tipos de formação. A intenção é identificar as carências para, a partir delas, poder direcionar os cursos de formação para diferentes segmentos de professores.

Ela traz o exemplo de uma atividade para analisar criticamente fake news. Como professores podem trabalhá-la tendo em vista seus repertórios? Nesse sentido, é preciso pensar uma formação que prepare a habilidade leitora do próprio educador: sua capacidade de extrair informações do texto e pensá-las criticamente. E, ainda, refletir sobre os recursos necessários para além do capital humano, como bibliotecas e acesso à internet.

“Quantas são as escolas que contam com esses recursos? Durante muito tempo a educação brasileira negociou o inegociável. Não adianta falar de BNCC sem falar de oportunidades para a realização do trabalho”, diz Jana Barros, mostrando um levantamento que fez da disponibilidade de



livros de literatura em escolas da rede, chamando atenção para o paradoxo da ausência de bibliotecas (ou de bibliotecas carentes de mínima infraestrutura, com pouca quantidade e variedade de títulos) diante das competências de leitura e de compreensão de texto delineadas pela BNCC. “Não estou dizendo que a ausência de condições de espaço físico nos impede de fazer um trabalho. Mas implementar a BNCC também é cuidar dessa parte”.

A educadora trouxe alguns exemplos de estratégias formativas que estão sendo trabalhadas nesse contexto desafiador. Uma delas é a dupla conceitualização, estratégia que permite dois aprendizados simultâneos: sobre o objeto de ensino e sobre as condições didáticas para ensiná-lo. “Trabalhamos, por exemplo, educação fiscal. Coletamos demandas de infraestrutura, como melhora do espaço físico. Selecionamos materiais em função das habilidades previstas pela BNCC para trabalhar esse objeto de conhecimento. Na sequência, os professores aplicaram uma atividade para trabalhar educação fiscal com os alunos em sala”, conta Jana, que acompanha e mapeia o desenvolvimento dos projetos de ensino via gravações enviadas pelos alunos pelo aplicativo WhatsApp. “Isso nos ajuda a protocolar as aulas, isto é, mapear problemas e propor soluções para resolvê-los e, além disso, compartilhar estratégias que funcionam”.



*“Falar de BNCC é falar de respeito e de responsabilidade. Não podemos negociar o inegociável, como o direito de crianças aprenderem a ler a escrever”*

Janaina Barros, Instituto Chapada - BA

## PALESTRAS

### **Políticas de formação continuada à luz da implementação da BNCC**

Grupo de Trabalho de Formação Continuada do Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed) e União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) apresentou documento com recomendações para o aperfeiçoamento de políticas de formação continuada, tendo em vista a implementação da BNCC

O Ciclo de Debates em Gestão Educacional 2018 contou com a presença de 27 técnicos (de 26 estados e do Distrito Federal) do Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed), responsáveis pelas ações de formação continuada em suas Secretarias. Junto a cinco representantes (de cada região do país) da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime), participaram de um Grupo de Trabalho de Formação Continuada que, ao longo de 2017, se reuniu em encontros para pensar propostas para a aperfeiçoar a formação de profissionais da educação, na perspectiva de adequação à BNCC. As ideias levantadas pelo GT, o primeiro em parceria entre Consed e Undime, resultaram na elaboração de um documento com considerações para políticas de formação professores (veja quadro na pág.10). As motivações da parceria e as elaborações do GT foram trazidas

ao público por Wesley Neves, coordenador de carreiras e desenvolvimento da Secretaria de Educação do Rio de Janeiro, representando o Consed, e Robert Langlady Lira Rosas, professor da Universidade Federal do Amazonas com experiência em formação continuada, representando a Undime.

As propostas foram pensadas tendo em vista as discussões sobre a BNCC. “A ideia foi elaborar um documento democrático, que considerasse a diversidade socioeconômica das regiões representadas. Juntos, identificamos desafios comuns”, explica Robert Langlady, destacando o método colaborativo das reuniões, que partiu do compartilhamento de experiências e de demandas educacionais mapeadas pelos secretários em seus estados e municípios. Interessante ressaltar que as recomendações estão alinhadas com as questões trazidas na primeira palestra do evento pela pesquisadora Linda Darling-Hammond, referência no desenvolvimento de estratégias de inovação curricular e de formação de professores (veja quadro na pág. 5).

“Não pretendemos impor um roteiro ou mesmo uma ‘base nacional de formação continuada’. As recomendações expressam pontos de convergência entre as secretarias, não desconsiderando políticas que já estão em andamento”, diz Wesley Neves. “Não se faz política pública educacional que não passe pela formação de professores. O chão da escola é a finalidade. A prática é que vai determinar ou não o sucesso de qualquer política”. O documento, que constará no guia de implementação da BNCC, norteou as abordagens dos palestrantes internacionais que compuseram o segundo bloco do evento e tiveram acesso ao conteúdo para elaborar suas falas.





## **Resumo das considerações para políticas de formação professores\***

1. Montar dentro das secretarias uma estrutura interna voltada exclusivamente para a formação continuada.
2. Escutar o professor tanto para fazer o diagnóstico de lacunas que podem ser trabalhadas nos programas de formação como para colher contribuições de quem vivencia diariamente a realidade das salas de aula, criando e mantendo um regime de mútua colaboração.
3. Viabilizar ações, prevendo orçamento das medidas e pensando formas de financiamento.
4. Instituir plano de carreira para profissionais da educação, de forma a estimular a busca de qualificação. Oportunidades de crescimento ajudam a fidelizar o professor, evitando que profissionais mais bem preparados deixem a escola.
5. Pensar ações de comunicação para que o professor conheça e entenda as políticas e se engaje.
6. Monitoramento e avaliação para identificar fragilidades e sucessos das políticas em andamento, de forma a adaptar os rumos.
7. Prever atividades de formação na carga horária do professor.
8. Estimular a coordenação pedagógica a promover o trabalho colaborativo entre professores.

\*O documento completo pode ser acessado em <http://www.consed.org.br/media/download/5adf3c0d134be.pdf>

## PALESTRAS

### A educação integral e as Competências Gerais como norteadoras da (re)elaboração de currículos

Oliver P. John, professor de psicologia da Universidade da Califórnia em Berkeley, pesquisador do eduLab21, avalia a reforma curricular como uma valiosa oportunidade para trabalhar as habilidades socioemocionais na escola

Empatia, criatividade, cooperatividade, senso crítico – esses são apenas alguns exemplos das habilidades socioemocionais que permeiam as competências gerais descritas pela BNCC. Um dos maiores pesquisadores de habilidades não cognitivas do mundo, Oliver John tem mais de 100 artigos científicos publicados e 30 mil citações aos seus estudos. Ele apresentou ao público do Ciclo de Debates em Gestão Educacional 2018 evidências científicas sobre as possibilidades e importância estratégica de se trabalhá-las na escola.

As habilidades socioemocionais são características dos domínios da personalidade descritos pelo modelo dos Cinco Fatores (Big Five) (veja infográfico na pág. 12), teoria da psicologia bastante difundida na comunidade científica. Autor do Big Five Inventory, questionário que mensura traços de personalidade, Oliver John afirma que é possível trabalhar o desenvolvimento de habilidades socioemocionais no ambiente escolar, no sentido de proporcionar aos estudantes possibilidades de crescimento pessoal e coletivo que serão decisivas para seu bem-estar e sucesso na vida profissional e pessoal, além de ajudar a formar pessoas mais afinadas com as necessidades do mundo e aptas a transformar positivamente a realidade.

“A BNCC é uma grande conquista, mas significa apenas o começo de um desafio: precisamos de ação para além das palavras. As habilidades socioemocionais devem ser praticadas pelos educadores, trabalhadas desde sua formação. Esse é o início de um ‘movimento migratório’ para a escola socioemocional”, conclui.



*“A BNCC é uma grande conquista, mas significa apenas o começo de um desafio: precisamos de ação para além das palavras”*

Oliver John, Universidade da Califórnia em Berkeley.

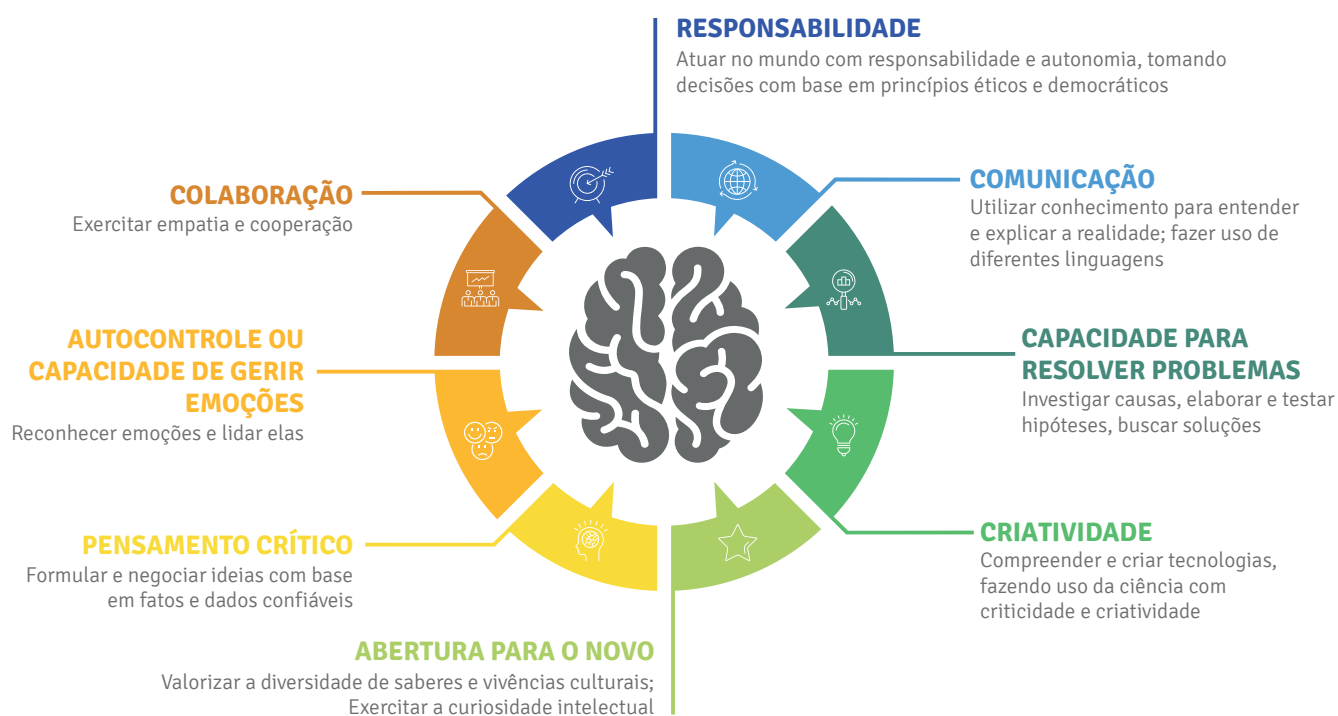
## Ensino para o século 21

Um diálogo entre ideias centrais de competências gerais da BNCC e as habilidades socioemocionais.



**BNCC**

A base contempla o desenvolvimento transdisciplinar de competências.



**Habilidades socioemocionais**

Características dentro das dimensões elencadas pela teoria dos Cinco Fatores da Personalidade (Big Five). Evidências científicas mostram que são maleáveis e podem ser trabalhadas de forma intencional e planejada, integrada aos conteúdos das áreas do conhecimento e/ou disciplinas.





## PALESTRAS

**No que a experiência internacional pode inspirar a formação de professores no Brasil**  
Singapura e Finlândia se destacam pelo investimento em políticas educacionais de valorização do professor. Chor Boon Goh, do Instituto Nacional de Educação de Singapura, e Anneli Rautiainen, da Agência Nacional de Educação da Finlândia, falaram sobre os fundamentos e resultados dessas iniciativas

Sem investimento planejado na formação continuada e criação de oportunidades de carreira para o professor não se faz política educacional eficaz. Essa ideia permeou as apresentações de Chor Boon Goh e Anneli Rautiainen, que falaram sobre as políticas focadas em educadores em Singapura e na Finlândia, ambos referência em educação pública de qualidade.

“Professor não é um emprego, mas uma profissão, com enorme valor estratégico para moldar o futuro da nação”, diz Chor Bonn Goh, gerente geral do Instituto Nacional de Educação de Singapura, participante dos comitês de elaboração de políticas do Ministério da Educação da cidade-Estado, que atualmente ocupa as primeiras posições em Ciências, Matemática e Leitura no Pisa, avaliação internacional que mede o nível educacional de jovens de 15 anos nos países-membros da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

A política educacional de Singapura se baseia num sistema enxuto de definição de metas, profissionalização dos professores e monitoramento dos resultados das práticas escolares. O quesito profissionalização compreende cursos de formação, oportunidades salariais e planos de carreira – com ênfase na importância do status social da profissão para o desenvolvimento socioeconômico. A qualidade da formação é marcada pela articulação entre conhecimento científico produzido pelas universidades e as práticas escolares.

“A mudança em Singapura consistiu na transição de velhos vieses para ciência aplicada”, diz o especialista, descrevendo o processo de elaboração dos cursos de formação, que compreende cuidadosa definição do currículo e das tecnologias de apoio e atração de recursos humanos (veja na pág. 14). “Estimulamos a formação acadêmica como componente da formação – temos um número considerável de pesquisadores em educação entre nossos professores e gestores escolares”.

A formação continuada também é um dos pontos cruciais das políticas públicas da Finlândia, referência em investimento e reformulação do sistema educacional, também com boas posições no ranking do Pisa. Anneli Rautiainen, chefe de inovação da Agência Nacional de Educação da Finlândia, atentou para similaridades entre as adaptações curriculares no Brasil e em seu país. “A reforma curricular na Finlândia e a BNCC miram no desenvolvimento de habilidades exigidas em um mundo em constante mudança. Focam no crescimento humano e na formação de cidadãos”, diz, ressaltando o papel do professor no processo de ativar e trabalhar capacidades que serão decisivas para o futuro dos estudantes (veja na pág. 14).



Segundo Anneli Rautiainen, o ensino dessas habilidades na escola passa pelo desenvolvimento das mesmas no professor. A formação inclui concepções como aprendizagem contínua, extracurricular, interação constante e personalização de forma que o professor absorva esses conceitos como base para seu trabalho. Uma vez que internaliza esse modo de aprender, pode estimular a aprendizagem ativa e aplicativa para a vida em seus alunos. “Tradicionalmente o professor questiona e o aluno é avaliado em suas respostas. Estamos trabalhando sobre o conceito de que o estudante não deve ser apenas apto a dar respostas, mas a desenvolver a habilidade de elaborar perguntas sobre os problemas. É importante ter um olhar crítico sobre o conhecimento e produzir ‘conhecimento sobre o conhecimento’ – essa é a principal necessidade do mundo, não repetir o que já foi descoberto”.



*“A mudança em Singapura consistiu na transição de velhos vieses para ciência aplicada”*

Chor Boon Goh, Instituto Nacional de Educação de Singapura

*“A reforma curricular na Finlândia e a BNCC têm a similaridade de mirar no desenvolvimento de habilidades exigidas em um mundo em constante mudança”*

Anneli Rautiainen, Agência Nacional de Educação da Finlândia



### Sistema de formação em Singapura

1. Definição de metas educacionais e alocação de recursos financeiros pelo MOE, Ministério da Educação de Singapura.
2. Reformulação do currículo com base nas metas.
3. Políticas de Recursos Humanos: atração de profissionais especializados nas disciplinas.
4. Cursos de formação e subsídio à formação acadêmica dos professores, com planos de carreira que estimulem a pesquisa em educação.
5. Formação de lideranças para a gestão escolar, de forma a coordenar e apoiar o trabalho dos professores.

### Como funciona na Finlândia

#### Recursos previstos para a formação de professores no país nórdico

- **Planos de carreira personalizados**, que estimulem o profissional a delinear suas metas e definir projetos de crescimento
- **Mentoria**: profissionais mais experientes são designados para trocar informações com professores em desenvolvimento
- **Times colaborativos** de troca de conhecimento, que estimulam a tutoria entre pares
- **Suporte tecnológico** para aprendizagem, como fóruns on-line

## ENCERRAMENTO

Patricia Guedes, gerente de pesquisa e desenvolvimento do Itaú Social, e Emilio Munaro, diretor de desenvolvimento global do Instituto Ayrton Senna, fecharam o evento sintetizando os principais pontos levantados

Professores, diretores, gestores públicos, pesquisadores – o Ciclo de Debates em Gestão Educacional 2018 reuniu um público diverso, que segundo Patricia Guedes, gerente de pesquisa e desenvolvimento do Itaú Social, reflete a complexidade do tema e seus desafios. “A intenção desse debate foi gerar novas conexões, ideias, provocações para avançarmos na formação - e valorização - do professor”, diz.

Patricia e Emilio Munaro, diretor de desenvolvimento global do Instituto Ayrton Senna, fecharam o dia de debates sintetizando os principais pontos levantados (veja quadro) e afirmando o objetivo em comum entre as duas instituições para a organização do encontro: mover ideias e ações para formar crianças e jovens, fim último da formação de professores e da Base. “Nada disso vai acontecer que não seja pela mão do professor”, finaliza Emilio.

### **Ideias-chave para a formação de professores no Brasil, tendo em perspectiva a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**

1. Articular de forma sistêmica universidades, secretarias e escolas, criando trocas de saberes e construindo pontes para aproximá-las das necessidades de professores e estudantes.
2. Valorizar as experiências e aprendizados obtidos com políticas educacionais anteriores, aprendendo com erros, apostando em acertos.
3. Conhecer as demandas dos professores para poder elaborar os cursos a partir de suas necessidades.
4. Tomar políticas internacionais como fonte de aprendizagem, conhecendo ações que estão mostrando resultados e traçar paralelos com a realidade brasileira, tendo em vista nossos contextos.
5. Considerar evidências que subsidiem as tomadas de decisão na definição das políticas de formação.

**“A INTENÇÃO DESSE DEBATE FOI GERAR NOVAS CONEXÕES, IDEIAS, PROVOCAÇÕES PARA AVANÇARMOS NA FORMAÇÃO - E VALORIZAÇÃO - DO PROFESSOR”**

Patricia Guedes



**“NADA DISSO VAI ACONTECER QUE NÃO SEJA PELA MÃO DO PROFESSOR”**

Emilio Munaro

Realização

